

A PORTA DE BELEM (1)

(ENTRAI PELA PORTA ESTREITA)

(AUTO INFANTIL EM 1 ACTO)

PERSONAGENS :

Anjo; Diabo; Faustina, 12 anos; Dóres, 9 anos; Madalena, 7 anos; Virgem Maria; San-José; Menino Jesus; Côro de Pastores.

Madalena, Dóres e Faustina, vestidas à alsaciana; as pastoras, à vianesa; O Anjo e o Diabo com os trajes respectivos.

A SCENA:

Representa o campo, tendo ao centro uma tripeça a fingir um arco de penedia à maneira de uma gruta. A bôca desta gruta aparece tapada com umas cortinas que se pôdem descerrar e, por detrás delas, ficam logo ao subir do pano a Virgem Maria, San-José e o Menino Jesus com uma grande cruz na mão.

À D. M. haverá um bastidor com uma porta muito acanhada e estreita, mas practicável. Junto dela um pequeno penêdo. À E. M. haverá outro bastidor simulando uma porta larga e rica, também practicável. Junto desta porta estará um banco de pedra.

SCENA I

(ANJO E DIABO)

(Logo que o pano sobe, o Diabo, ao som dos primeiros 21 compassos da música que vem o páginas 24, faz evoluções pelo palco estendendo a sua capa como quem lança rêdes para a pesca. O Anjo está junto da porta da D. M. com uma lança na mão).

DIABO (*Chegando a música ao compasso 22, canta*)

Vinde, sem receio.

ANJO (*Canta da D. M.*)

Não que os defendo :
Anjo Custódio sou,
Contra os ardís satânicos
Álerta sempre estou.

(1) Esta peçazinha infantil, com adaptações musicais próprias para este livro, foi traduzida livremente da revista «De Bromo y de Veras» e aqui publicada com licença dos seus ilustrados directores a quem protestamos mais uma vez o nosso reconhecimento.

O ABRAÇO FRATERNAL

(COMÉDIA PARA MENINAS) (1)

PERSONAGENS:

Rosa, criada (aldeã, 20 anos; Maria, criada citadina, 25 anos; D. Joana, senhera da casa, 60 anos; D. Maria, senhera da casa, 70 anos; Luísa, sobrinha das senheras, 15 anos.

A SCENA:

Representa uma sala de jantar de pessoas abastadas.

ÉPOCA:

De 1770 para que os vestidos produzam efeito hilariante.

SCENA I

(ROSA SÓ)

(Rosa, criada ainda meio labrêga, entra pelo fundo a dançar ao som do piano. Quando chega ao centro, pára de dançar e canta os seguintes versos com música que o povo recolheu da opereta « O Burro do Senhor Alcaide »):

I

Dançai, que a dança é descanso,
Dá-se ao pé, descança a mão;
Dançai, velhotas, que eu danço;
Tôdas aqui dançarão.

Viva a folia,
Dançar, dançar;
Haja alegria
A' beira mar. (*Dança ao som do piano*).

(1) O enredo desta comédia foi extraído de um pequeno manuscrito agora completamente refundido.

AS RATAS SÁBIAS

TRAGICOMÉDIA EM 1 ACTO (1)

PERSONAGENS:

António, 32 anos; D. Dulce, sua mulher, 30 anos; Aida, sua filha, 17 anos; Maria, criada, 20 anos; Colombina, precêptora da filha, 25 anos; Baptista, dono de uma agência de criados, 40 anos.

A SCENA:

Representa um gabinete luxuôsamente mobilado, com duas portas ao fundo e outras duas aos lados. No centro médio está uma escrivaninha ladeada por duas cadeiras. Na E. B. um sofá, ladeado por duas cadeiras. Na D. B. uma pequena estante de livros.

A ACÇÃO PASSA-SE NA ACTUALIDADE

ADEREÇOS:

Uma mesa para o centro, 1 sofá, uma pequena estante giratória, 6 cadeiras, 2 solitários com flôres, 4 colunas para ornamentação da sala, 5 vasos com plantas, 4 reposteiros, 1 telefone, 1 par de luvas, 1 chapéu, 1 sobretudo com as mangas encurtadas, uma campainha para a mesa, uma garrafa e uma malga com colhér para a criada, uma carteira para António; para a precêptora: uma saquinha com espelho, pluma de pó de arroz, lápis de caracterização, cigarros, uma caixa de fósforos e uma bengala; 4 agulhas enfiadas para as 4 meninas que têm de coser o sobretudo, 1 botão de colarinho, uma caderneta para a criada e 1 rôlo de papeis para D. Dulce.

ANTÓNIO (*Sentado à mesa do centro, com lenço ao pescoço, escreve, consulta depois o relógio, e, levantando-se, diz*) — Dez e um quarto. (*Tira do bolso uma carteira de apontamentos e procura. Depois, lendo*) Quarta-feira, 25, às 12 em ponto, reunião na Assembleia. (*Fala*) Como hei-de ir com êste catarro? (*Tosse*) Não posso faltar, e, além disso, tinha muita vontade de lá comparecer... Mas êste frio de Fevereiro... (*Tosse e espirra*) Não há remédio. Levo o sobretudo, atravesso a praça num instante, e depois de estar dentro de casa já não há perigo. Aquilo por lá é confortável. (*Vai buscar um colarinho, mas, ao pô-lo, desprende-se um botão da camisa*) Mau! aí principia a comédia. Lá me caíu um botão... E' da praxe; parece que

(1) Esta comédia foi traduzida da Revista «De Bromo y de Veras» e aqui publicada com autorização do seu autor e editor. Por isso lhes agradecemos muito reconhecidos êste obséquio.

AS FILHAS DE EVA

OPERETA EM 2 ACTOS (1)

PERSONAGENS :

João Tição, carvoeiro, 40 anos; Maria Brasa, sua mulher, 42 anos; D. Adelaide, princesa, 35 anos; D. Inês, sua filha, 18 anos; um anjo; um demónio; 14 carvoeiras; 8 criadas da princesa; 8 camponesas com cantarinhas de barro para a fonte; José, trintanário da princesa.

A SCENA PASSA-SE NA ACTUALIDADE

ADEREÇOS :

1.º ACTO: Lorgnon para a princesa, um forno pintado, um pote para o forno, duas panelinhas para junto do forno, uma lampada vermelha e fitas de carpinteiro para a cobrir dentro do forno afim de simular que está a arder, um pau para João Tição, alguns molhos de vides secas (lenha) para as carvoeiras, um ramo com 14 flores e uma açucena para D. Inês, um cartão para D. Adelaide, 6 cantarinhas de barro e um púcaro para as camponesas.

2.º ACTO: Uma pequena mesa, uma toalha, duas terrinas, um passarinho, uma gaiola, uma garrafa, um copo, um cálix, um saleiro, um guardanapo, uma cadeira para D. Adelaide se sentar, 12 pratinhos para as criadas, 12 colheres de chá, um prato já quebrado para cima da mesa.

ACTO PRIMEIRO

A SCENA :

*Representa o campo. Ao centro um forno acêso com um penedinho de cada lado para servir de assento. O lume acêso imita-se com uma lampada vermelha rodeada de fitas de carpinteiro.
Junto do forno estão dois pequenos potes de ferro.*

(1) Foi extraída de uma peçazinha da revista « De Bromo y de Veras » com adaptações de música portuguesa e bastante ampliada para melhor resultar o efeito scênico. Ao seu illustre autor, os nossos agradecimentos pela licença da tradução e adaptação.

PÁLEIO BARATO

OPERETA EM 1 ACTO (1)

PERSONAGENS :

Leocádia, costureira ; Isabel, costureira ; Alípio, valdevinos ; Uma cega e um comparsa ; dois criados e várias costureiras para os coros.

A SCENA :

Representa um restaurante ao ar livre. Mesinhas, cadeiras à D. M. o balcão.

ACTUALIDADE

ADEREÇOS :

Uma mesa ; 2 cadeiras ; 1 balcão entre os bastidores da D. M. com travessas cheias de comestíveis ; 1 toalha para a mesa ; solitário com flores, mas sem água ; fósforos e cigarros para vender a Alípio ; 1 cafeteira ; um taboleiro com 3 pratos, 3 colheres, doces e 3 guardanapos ; outro taboleiro com uma garrafa de vinho e dois copos ; dois panos para os criados trazerem ao ombro ; bolsa com dinheiro para Locádia ; uma sombrinha para Locádia ; leques para tôdas as raparigas que, podendo ser, devem usar chales de variadas cores, à espanhola, afim de se obter melhor efeito scénico, pois que as crianças representam mais para os olhos do que para os ouvidos.

(1) Esta peça foi extraída de uma comédia da revista « De Bromo y de Veras », anexa ao « Mensajero del Corazon de Jesus », de Bilbao, e fizemos-lhe algumas adaptações de música para movimentar e realçar mais o efeito scénico. Ao seu ilustre autor, os nossos cordiais agradecimentos pela licença da tradução.

JESUS E TERESA

(DIÁLOGO POR RICARDO ROCHEL, S. J.) (1)

PERSONAGENS:

Santa Teresa e o Menino Jesus, que a santa, sem o reconhecer, encontra vagueando pelo claustro.

TERESA (*surpreendida de ver um menino no convento*)

— Que vejo? Aqui um menino?!
Mas que lindo! Que portento!
Porém o que eu não atino
E' como entrou no convento.
Nele à vontade passeia
Sem o mais leve reparo.
Eis um caso que me enleia,
Me parece estranho e raro...
Inda não deu fé de mim
A formosa criancinha.
Espera... Lá se encaminha
Em direcção ao jardim.
Pst! ¿Que andas tu a fazer?
¿Vens em procura de alguém?

JESUS

— De uma freira.

TERESA

— Muito bem.

Se eu te servir...

JESUS

— Pode ser.

TERESA

— (Que esperto!) Não tens então
Mêdo das freiras?! de mim?!

JESUS

— De ti não receio, não;
Até me apraz ver-te assim.

TERESA

— (Que grande Senhor! Cautela!
Com que ousio me tutela!)
¿Mas não te parêço feia
Com minha veste singela?

JESUS

— Feia, não; antes formosa.

TERESA

— (Que inocência angelical!)
¿Fica-me bem o saial?

JESUS

— Sim.

TERESA

— Que pareço?

JESUS

— Uma rosa.

TERESA

— Ah! ah! ah!

(1) Esta poesia foi traduzida expressamente para êste livro da revista « Estrela del Mar » pelo Rev. Padre Barbosa Campos, a quem testemunhamos aqui o nosso agradecimento.

Um Vestido para o Menino Jesus

CONSELHOS DE MODISTAS (1)

PERSONAGENS :

6 Modistas e a Mestra; depois, mais uma que entra.

A SCENA :

Representa uma oficina de modista. Ao subir o pano um câro de meninas, hábilmente dispostas a costurar, canta as primeiras cinco quadras com a bellissima música do « Idílio Pastoril » da zarzuela « El Rey que Rabió ». Uma canta a solo e as outras em câro com a bôca fechada.

SOLO E CÔRO :

Em noite escura e fria,
Em sêro agreste,
Abriu-se em claro dia
A luz celeste.

Cantam anjos nos ares
Entre os fulgôres...
E ouviram seus cantares
Pobres pastores.

Humilde estábulo
De animais vís,
Eis o palácio
Que Jesús quis!

Como o céu canta e brilha
De estranha luz!
Que estranha maravilha!
Nasceu Jesus.

Mas dissei cânticos
Angelicais:
— Glória ao Altíssimo,
Paz aos mortais!

A MESTRA (Recita):

Senhoras: muita atenção!
Muita atenção! Ora ouvi:
Vamos resolver aqui
Uma importante questão.

(1) Os dois entreactos: « Um Vestido para o Menino Jesus » e « Um Officio para o Menino Jesus » foram extraídos da revista « De Bromo y de Veras » a quem agradecemos muito penhorados a licença da transcrição. Ao particular amigo e distinto poeta, sr. Padre Barbosa Campos, que a nosso pedido fez a versão para português, também lhe consignamos aqui o nosso cordial agradecimento.

OS BRINCOS DE OIRO

REPRESENTAÇÃO PARA PATRONATOS

A SCENA:

Passa-se numa Casa de Trabalho. As raparigas, sentadas em cadeirinhas baixas, cozem, e na frente, a um lado, a Francelina mostra às escondidas uns brincos, à Rosa e à Maria.

FRANCELINA (*A meia voz, mas importante*) — Vejam, o que é ter sorte! A minha madrinha morre há 2 dias e deixa-me êstes brincos! (*Abana os brincos*) Isto é que é oiro!... isto é que é pêso!... isto é que é sorte!

MARIA (*Continuando a trabalhar*) — São bonitos, são.

ROSA (*Enlevada*) — Deixa ver! Que lindos! que ricos!

FRANCELINA — Ai! lá isso são! não há dúvida! E não são vocês, minhas pelintras, que são capazes de apresentar uns assim!...

ROSA (*Despeitada*) — Quem sabe! o mundo dá muita volta, e quem trabalha ganha...

MARIA (*A' parte*) — Quem me dera a mim ganhar para pão... (*Toca a campainha para o recreio, levantam-se tôdas, dobram o trabalho e rodeiam a Francelina admirando os brincos. Exclamam*) Ai que belos brincos, e que pêso!

FRANCELINA — Até tenho mêdo que mos roubem! Nada! que êles valem bom dinheiro! Pesam tanto que nem os levo agora para o recreio, porque posso perdê-los. Ficam aqui. (*Põe-nos em cima da mesa*).

A MESTRA (*Ordenando silêncio*) — A Senhora Marquesa mandou uns pãezinhos com marmelada e amêndoas, para a merenda.

AS RAPARIGAS (*Numa explosão de alegria*) — Ai, que bom! que bom! Viva a Senhora Marquesa que é tam nossa amiga! (*Começam a dançar e a cantar o «Vira» ou o «Verde Gaio»*).

A MESTRA (*Ri, e, passado um bocado, distribui os pães e manda-as ir para o recreio ficando só ela, a Rosa e a Maria*).

MARIA — Sr.^a D. Alice, dá-me licença que eu vá num instantinho à minha casa, que é aqui ao pé? Não me demoro nada.

MESTRA — Oh! filha, isso é contra a regra! Mas... eu bem te entendo, queres levar o embrulho aos irmãozitos?

MARIA — Pois é... os miúdos gostavam tanto!

MESTRA — Vá lá, mas depressa para não darem pela tua falta. (*A Mestra sai*).

ROSA (*Puxando pela manga da Maria*) — Toma, leva também o meu.

MARIA — E tu?!

ROSA — Eu... eu... dói-me um dente e não posso comer amêndoas. (*Põe-lhe o embrulho nas mãos e empurra-a*) Anda, vai-te, rapariga.

NEM TANTO AO MAR NEM TANTO À TERRA

(DIÁLOGO)

A. — Por aqui, **simpática?!...** Ainda bem que teus **progenitores** se convenceram afinal de que te deviam conduzir ao templo de **Minerva...**

B. — X'eu te percêbo, me mélim; ¿que raça de linguaie é exa: **sempatas, genitórios**, e num xei quê de **nêrvos?!** Eu percêbo lá ixo!

A. — Ah! ah! ah! (*Rindo-se*) Compreenderás no **porvir**, quando aqui nêste **recinto**, a **sacerdotiza** do templo te houver desbravado a inteligência.

B. — Vai p'ró diabo mai-lo teu latim; parexes-me o prêgador da Xemana Xanta, que estibe p'ráli 2 horas a barregar xem ninguém toscar uma palavra. Fala língua de gente, se queres que te responda.

A. — Pois **idiôma** de gente é isto que os teus **pavilhões** auriculares estão recebendo e encaminhando ao **cérebro**, isto que...

B. — Cala a caixa!...

A. — Escuta, donzela. Eu desculpo-te. Estás acostumada a tratar sòmente dos teus **suínos** e **galináceos**, empregas grande parte do dia na **culinária...**

B. — Olha que eu perco a paciência; vou-mimora se me fazes encajinar. Deixa-te de falar à polítega; fala-me à moda de cá.

A. — Pois bem. Dizia eu que os teus pais se decidiram afinal a mandar-te à escola.

B. — Fizeram-na frêscã, aqui p'ra nós que ninguém nos oube. Imagina que onte de tarde paxei o tempo a fajer êstes riscos. (*Mostra a escrita com paus*).

A. — E não estão mal de todo...

B. — E esta minhão, aquela xinhora (*Aponta para a mestra*) fez-me estar em frente destas garatujas (*Aponta para um quadro parietal*) a berrar: a-a-a-a; é-é-é-é.

A. — E fez muito bem.

B. — Num me digas que fez bem. Foi tempo perdido, qu'eu podia ter aprobeitado a fiar umas maxarocas, a labar umas camijas e a olhar o gado... P'ra que xerbe estar a barregar: á-á-á-a, é-é-é-é? Num me dirás?

A. — Serve exátamente para não haver necessidade de tanto fiar, nem de tanto lavar, nem de tanto guardar o gado...

B. — Hom'essa! (*Rindo-se*).

A. — E' o que te digo.

B. — Intom eu, fazendo riscos e riscos, e dizendo á-á-á-á, é-é-é-é, livro-me da nexedade de fiar, de labar, de gardar gado?!...

A. — Não é bem assim; mas olha que o progresso...

B. — Aí beins tu c'os palabrões à polítega...

A Chula das Tricanas ou Sua Majestade a Moda

(RAPSÓDIA DE CANTOS POPULARES) (*)

PERSONAGENS:

Manuel da Horta, patêgo de 55 anos; Maria do Prado, lavradeira à vianesa, 60 anos; Judite da Cruz, costureira, 25 anos; Côro de 16 raparigas vestidas um pouco à moda, segundo as tricanas. Trazem estas uma malinha enfiada no braço direito, as da D.; e no braço esquerdo as da E. As malinhas vêm enfiadas no braço para não caírem depois com os vários movimentos scénicos.

ADERÊÇOS:

Fèrrinhos; cavaquinho; uma caixa de fôlha com gêsso cré dissolvido em alcool, pó de arroz, pluma, pincel e espelho na tampa afim de Manel e Maria se pintarem; uma sombrinha para Judite; 18 malinhas de couro (carteiras para as coristas).

Legenda para a encenação

I—(CÔRO)

O cantar de uma tricana (1) (2) e (3)
E' um hino de alegria,
Ela canta e lida sempre
Tôda a noite e todo o dia.

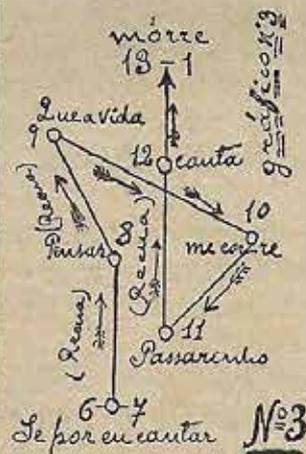
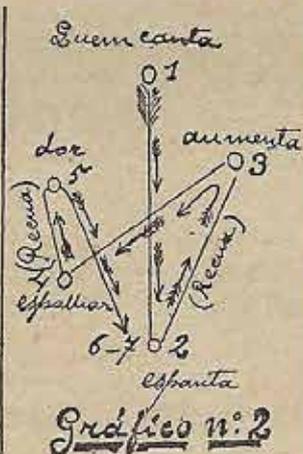
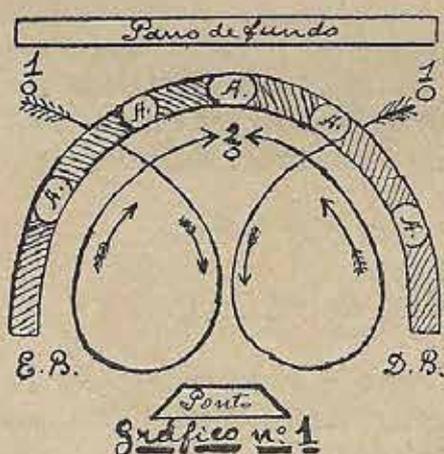
Quem canta, seu mal espanta, (4) e (5)
Quem chora, seu mal aumenta;
Eu canto para espalhar
Uma dôr que me atormenta.

(Solo)—Ai! as tristezas (6) e (7)
Tem-nas os montes,
Ai! as tristezas, etc.

II—(CÔRO)

Quem canta, a sua tristeza (2) (3) e (8)
No cantar se lhe adivinha; etc.

Vejam-se as notas correspondentes, na página 57



(*) O primeiro destes cantos foi extraído do One-Step «Eu Ontem Fui ao Cinema», por Augusto Vieira, propriedade registada do «Centro Musical» com sede no Pôrto; e a música do último é da «Canção da Espiga», por Alves Coelho, propriedade do sr. Valentim de Carvalho, representante da «Casa Neuparth», de Lisboa. Ambos concederam gentilmente a licença da sua publicação, e por isso aqui lhes renovamos os nossos agradecimentos. A letra e o restante arranjo musical foram feitos expressamente para este livro.

OS ROMEIROS D'AGONIA

(SCENA COREOGRÁFICA PARA CRIANÇAS)

A SCENA:

Representa, ao centro, a igreja da Senhora da Agonia. Em plano mais elevado, ao fundo, está o adro, onde passeiam as crianças pequenas, simulando o povo da romaria. Os comparsas entram aos pares, metade por cada lado, uns pela D. A. e outros pela E. A. Entram a dançar ao som do piano, mas não cantam. Trazem na mão cavaquinhos, ferrinhos, harmónicos, canas e pandeirêtas, etc. No chapêu, os homens trazem uma estampa de algum santo, como os que vêm da romaria. Vestem, homens e mulheres, à moda do Minho. Depois de ficar o côro junto dos bastidores formando semicírculo e, no meio, junto do ponto, o Morgado, o Labrêgo e Fortunata, então é que começa a cantoria. O Labrêgo vem à moda do Zé Povinho e traz na mão um grande guarda-chuva antigo de que se serve para fingir que toca viola quando canta. A Fortunata traja à moda das camponêsas de Viana e traz no braço um cestinho com uma toalha branca. O Morgado veste à moda de fidalgo aldeão, já de certa idade. Os três personagens principais entram também pelo fundo.

I

O LABRÊGO:

MORGADO:

Com que então, cara vizinha,
Passe bem, tenha mui bom dia!
Sempre quis vir à cidade
Vêr as feiras cá d'Agonia?

De madrugada chegamos,
Que a bôa da Tia Rita
Há muito qu'ria comprar
Não sei quantos *vantais* de chita.

CÔRO:

Vir feirar, etc., etc.

CÔRO:

TIA RITA:

Vir feirar,
Firoliroli, firolioléro,
P'ra poupar,
Firoliroli, filoriloréro,
Isso é que é
Saber bem
Governar.

Vim p'ra mercar dois *vantais*:
Tinha os oitros em mau estado;
Mas o *Manél támen vêo*
Para vêr se comprava um gado.

CÔRO:

Vir feirar, etc., etc.

PROVÍNCIAS DE PORTUGAL ^(a)

Letra do Padre Agostinho da C. e Silva

Música de Cipriano Gil

Minho (1)

Sou a província do Minho, } *bis*
O jardim de Portugal!
Da natureza o carinho } *bis*
Me fez (2) linda sem rival }

Trás-os-Montes

A de Trás-os-Montes sou, } *bis*
E a natureza bravia,
Num trôno me colocou } *bis*
De serras e penedia! }

Douro

Sou o Douro, cuja fama
E' o vinhêdo jucundo
Que o meu nome proclama
Sem rival em todo o mundo!

Foi duma minha cidade
Que a Pátria seu nome herdou,
E o sol da Liberdade
Foi lá também que raiou!

Beira-Alta

A Beira-Alta sou eu: } *bis*
Meus bons paios e presunto } *bis*
Só quem'inda não comeu } *bis*
E' que não pesca do assunto. }

Beira-Baixa

A Beira-Baixa, singela, } *bis*
Sou eu, no mapa escondida... } *bis*
E a alta Serra da Estrêla } *bis*
E' a minha grinalda querida. }

Extremadura

A Extremadura, a rainha
Das províncias sou, feliz
E' uma cidade minha,
A capital do país!

Fazem a minha glòria
Sintra, Batalha e Belém:
Síntese de tôda a história
Que a nossa Pátria tem.

Alentejo

Sou o Alentejo, a maior
Das províncias portuguesas,
Nenhuma me é superior
Em lezírias e devêsas.

Algarve

Sou o Algarve, a derradeira:
Na minha fôlha se irmana, (3)
Com as fôlhas da figueira,
O cristal do Guadiana. (4)

Portugal

Tôdas vós sois minhas filhas, } *bis*
E tôdas vós irmãs sois. } *bis*
No Amor não há partilhas, } *bis*
Vivamos juntinhos, pois. }

Tôdas as Províncias

Tuas filhas te saúdamos } *bis*
Com amor vivo e leal, } *bis*
E orgulhosas nós clamamos: } *bis*
Viva! Viva Portugal! }

(a) Esta composição foi-nos obsequiosamente oferecida para este livro pelo seu autor, o ilustre maestro sr. Cipriano Gil, a quem deixamos aqui exarado o protesto do nosso mais vivo reconhecimento.

A ALVORADA

29.1 Moderato *canto unisono*
Coro Sur-ga ma

-nhã Des-ponta o di-a já... nas flô-res Fui na a-lu-gri-a

tão bo-ras pois de le-van-tar Cam-gas aos bois to-cia a

Tempo de Valsa lento (Coro) Bem a-do-ra-do
-mor. (Solo) Bem to é ver no pra-do Pa-chorren-tos bois lu

Sempre pu-chan-do *Com muita amor*
-ran do, E a-trás o lu-na-dor O seu a-

Sempre cantan-do *Bem a-do-ra-do*
-ra-do Gui-an do Bem-to é ver no pra-do

Sempre pu-chan-do *com muita*
Pa-chorren-tos bois lu-ran do E a-trás o lu-na-dor

-mor *Sempre cantan-do.* (Solo) *Lento* *(imitando coristas)*
O seu a-ra-do gui-an do Ab! Ab! Iná-lá-rá-lá

A PÁTRIA AMADA

(PARÓDIA)

Entreacto de grande efeito, com letra que se póde cantar ao som da música da zarzuela «El Duo de la Africana», que se vende na «Union Musical Española», Carrera de San-Jerónimo, 30, Apartado 77, Madrid—, e se póde obter por intermédio de um dos nossos estabelecimentos de música. A primeira parte da letra serve na «Canção Andaluza», e a segunda parte no «Duo», tudo segundo a indicação da gravura aqui descrita. As personagens vestem rigorosamente à andaluza.

Número I

Um dia, Eu um Andalu-zi -- a, chei-a de nostál-gi -- a, etc...

Número II

1. Pus-me a contar as es-tre -- las & contei mais de um milhão, etc
 2. Se as san-da-des matas -- sem, Muita gar-te mor-re-ri-a

Número III

Allegro (Entrada do coro tocando castanholas e pandeiretas, sem cantar)

Número IV *Rallent. Solo* *al tempo* **Número V** *tr.* *tr.*

Não cantes mais as-sim triste, etc. Ai, que coisas di-zes, Estou ^{meu} ^{meu} ^{vossa}

Número VI *Allegro* **Número VII** *Allegro* *And.*

Mirha ter-ra, quem me deu a Euto-an-do coplas pela estrada fora

Número VIII (Solistas) Ai, caras ami-gas do meu coração *Allegro* *And.*

(Coro) 1. Ter-ra de encantos e sonhos. 2. Não ha ter-ra como a nossa, *Allegro* *And.*

Número IX

(Solista) Quantas a-mar-gu-ras dor-teu-ram meu pei-to, etc.
 (Coro) Quantas amar-guras sinto em meu peito, etc.

